



LINGUAGEM E IDENTIDADES

múltiplos olhares

Franklin Roosevelt M. de Castro
- Organizador -

Atena
Editora
Ano 2023



LINGUAGEM E IDENTIDADES

múltiplos olhares

Franklin Roosevelt M. de Castro
- Organizador -

Atena
Editora
Ano 2023

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremona

Luiza Alves Batista

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2023 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2023 Os autores

Copyright da edição © 2023 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena

Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-Não-Derivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo

Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Linguagem e identidades: múltiplos olhares

Diagramação: Natália Sandrini de Azevedo
Correção: Flávia Roberta Barão
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Franklin Roosevelt Martins de Castro

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L755 Linguagem e identidades: múltiplos olhares / Organizador
Franklin Roosevelt Martins de Castro. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2023.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0910-6

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.106233101>

1. Linguística. 2. Literatura. 3. Identidade. 4.
Linguagem. I. Castro, Franklin Roosevelt Martins de
(Organizador). II. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.







As identidades são complexas e dinâmicas em um mundo globalizado e marcado pela diversidade cultural, política e social. Este livro busca oferecer aos leitores uma visão ampla da intrincada relação entre linguagem e identidade. Como nossas práticas de linguagem constituem e são constituídas pelas nossas identidades?

Da Literatura, às atividades escolares; do nosso modo de falar ao modo como nos percebemos, o livro “Linguagem e identidades – múltiplos olhares” reúne sete textos que ao estilo de uma sinfonia, expressa um tom e um instrumento de olhar e escuta. Os capítulos podem ser lidos individualmente sem afetar a visão geral, ou podem seguir uma sequência. Há quatro capítulos dedicados a refletir a respeito das identidades linguísticas seja por uma visão sociofonética descrita por Beatriz Freire, ou por Emerson Brandão e Franklin Castro ao interpretarem a autopercepção da fala de moradores da cidade de Parintins – AM. Na esteira das línguas indígenas, Marlon Azevedo nos expõe a visão etnolingüística sobre o povo Sateré-Mawé, localizado do Baixo Amazonas, e o quanto a preservação das línguas originárias são um patrimônio imaterial incalculável. Luiz de Carvalho se debruça sobre as práticas linguísticas nas escolas, e modo como elas constituem papéis sociais e promovem identidades autônomas aos cidadãos de múltiplos letramentos.

Quando se trata da Literatura e a construção de identidades, deparamo-nos com o capítulo de Sahmaroni Rodrigues que se pergunta sobre a escritura de autor e os diversos fios discursivos que se amalgamam em sua subjetividade autoral. Joiciany Sarmento, em sua pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso em Letras ergue o volume das vozes do feminismo, com destaque às escritoras negras, em especial Carolina de Jesus. Quem são estas mulheres? Qual é o seu lugar de fala? Estas perguntas norteiam o texto das autoras. Por fim, Delma Sicsú e Danglei Castro nos presenteiam com uma reflexão sobre o tema da morte na Literatura Indígena de Yaguarê Yamã. Não há mais espaço para uma academia que silencia mulheres pretas e escritores indígenas. O texto dos autores é uma visibilização das vozes das florestas e de toda a sua riqueza cultural, cosmológica e científica. O que deixamos de aprender com os povos do Brasil?

Desejamos que estes textos cheguem a todos os leitores e pesquisadores ávidos por novas maneiras de existência, pautadas no Amor, no Respeito, e na Diversidade.

Franklin Roosevelt Martins de Castro
Parintins, 08 de novembro de 2022

CAPÍTULO 1	1
IDENTIDADE LINGUÍSTICA: UM ESTUDO SOCIOFONÉTICO	
Beatriz Funayama Alvarenga Freire	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331011	
CAPÍTULO 2	17
IDENTIDADE LINGUÍSTICA: ASPECTOS FONÉTICOS E FONOLÓGICOS DA FALA PARINTINENSE	
Emerson Lopes Brandão	
Franklin Roosevelt Martins de Castro	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331012	
CAPÍTULO 3	31
LÍNGUA E LINGUAGEM DO POVO INDÍGENA SATERÉ-MAWÉ NO MÉDIO AMAZONAS	
Marlon Jorge Silva de Azevedo	
Andrew Ira Nevins	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331013	
CAPÍTULO 4	45
OFICINAS DE PRODUÇÃO TEXTUAL: SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS E ENSINO FUNDAMENTAL NA ESCOLA MUNICIPAL MINERVINA REIS FERREIRA, PARINTINS/AM.	
Luis Alberto Mendes de Carvalho	
Tatiana Oliveira Pereira	
Claudenilza Bezerra de Souza	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331014	
CAPÍTULO 5	60
“NÃO SOU ESCRITORA, EU ESCREVO”: LITERATURAS SUBTERRÂNEAS, TERRITÓRIOS EXISTENCIAIS	
Sahmaroni Rodrigues de Olinda	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331015	
CAPÍTULO 6	75
A REPRESENTAÇÃO E AUTORREPRESENTAÇÃO DA MULHER NEGRA NA OBRA QUARTO DE DESPEJO	
Joiciany Melo Sarmiento	
Delma Pacheco Sicsú	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331016	
CAPÍTULO 7	90
O EFEITO ESTÉTICO DA MORTE EM QUATRO NARRATIVAS DA LITERATURA INDÍGENA AMAZONENSE	
Delma Pacheco Sicsú	
Danglei de Castro Pereira	

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.1062331017>

SOBRE OS AUTORES 109

IDENTIDADE LINGUÍSTICA: UM ESTUDO SOCIOFONÉTICO

Data de aceite: 26/12/2022

Beatriz Funayama Alvarenga Freire

Possui graduação em medicina pela Faculdade de Medicina de Botucatu – Unesp, Doutorado em medicina pela Unesp, Pós-doutorado em medicina pela Rijkuniversiteit Groningen – Holanda e Mestrado em linguística pela Unicamp.

INTRODUÇÃO

O presente capítulo visa abordar um tema complexo e espinhoso, porém fascinante. Uma verdadeira galáxia dentro do universo identidade, a identidade linguística. Na tentativa de melhor explorar esse universo, alguns conceitos teóricos serão apresentados seguidos pelo detalhamento de um estudo que objetivou acessar a identidade referida de indivíduos, se é que isso seja realmente possível, correlacionando-a com parâmetros acústicos. A definição de identidade já é, por si só, uma tarefa difícil. Alguns autores aproximam-se, ora mais ora menos, de uma definição mais completa.

Kiesling (2013) propõe ser a identidade um estado ou processo de relacionamento entre o “eu” e o “outro”. A maneira como os indivíduos definem, criam ou pensam a si próprios em termos de suas relações com outros indivíduos e grupos, sejam esses “outros” reais ou imaginados. Todavia, a identidade étnica não é construída por influência ou por correlação a fatores que possam ser separados (FOUGHT, 2013). A etnicidade não significa dizer aquilo que alguém é, mais do que isso, é dizer o que alguém faz! Os falantes, segundo Barrett (1999), frequentemente indexam identidades, ditas polifônicas, através do uso de linguagem de maneira que os enunciados refletem as nuances da identidade em múltiplas camadas que não podem ser quebradas em componentes menores. As identidades polifônicas são cruciais para entender como a língua reflete e estrutura o mundo social. A habilidade para indexar uma identidade étnica enquanto se fala uma variedade

padrão de alguma língua é capital devido às ideologias complexas que circundam o conceito de “vender uma imagem”. Para alguns grupos, essa imagem pode ser o “passaporte” para integrar-se ao grupo sob pena de tornar-se marginalizado caso não seja aceito (FOUGHT, 2013). De maneira figurada, cada indivíduo, ao longo da vida, monta sua própria “biblioteca” de identidades na qual os “livros” podem ser acessados de acordo com o ambiente ou o interlocutor, de forma inconsciente ou não.

Assim, a identidade não é fixa e pode, a depender da situação de interlocução, mudar numa espécie de negociação. É sempre reavaliada, pois é por si mesma inconstante, mutável, incompleta e fundamentalmente estabelecida por pressões sociais, resultante da interação entre o indivíduo e o mundo social.

Desse modo, além da identidade étnica, é necessário considerar as demais categorias sociais tradicionais que também podem ser mutáveis e influenciam a identidade linguística. Atualmente, sexo não pode mais ser categorizado levando-se em conta somente o aspecto biológico. É relevante considerar o gênero e a identidade sexual. A idade foi associada a estágios de vida. Classes sociais, uma categoria sociológica de larga escala, foram subdivididas em grupos menores e podem ser redefinidas por teorias sociológicas alternativas. Portanto, é indiscutível que o processo de mudanças históricas causa mudanças na conjuntura social, cultural e, em consequência, na identidade. Novos papéis e valores sociais são agregados e o indivíduo, para se adequar, assume diferentes comportamentos, inclusive linguísticos (HALL, 2006). A “biblioteca” de cada indivíduo cresce em número de “livros” e o acesso a estas diferentes bibliotecas é uma tarefa muito difícil.

A abordagem científica para acessar dados de identidade é, em sua grande maioria, de base antropológica e etnográfica, o que leva a análises qualitativas de pequeno tamanho amostral. Entretanto, alguns estudos, como o de Hoffman & Walker (2010), combinaram a avaliação quantitativa em amostras grandes com a avaliação qualitativa. Os autores utilizaram as duas abordagens de modo complementar para avaliação de etnicidade e identidade: de um lado, medidas externas objetivas, e de outro, subjetivas. Consideraram a definição de Isajiw (ISAJIW, 1985 *apud* HOFFMAN & WALKER, 2010) para etnicidade: “um grupo involuntário de pessoas que compartilham a mesma cultura ou descendentes dessas pessoas que se identificam e/ou são identificadas por outros como pertencentes ao mesmo grupo involuntário”. Há dois pontos a serem discutidos a partir dessa definição: (i) a percepção da diferença vista por indivíduos considerados “de dentro” e “de fora” do grupo que levam em consideração nomes, estereótipos e rótulos; e (ii) o compartilhamento de qualidades e valores como língua, religião, raça, país de origem, cultura, interesses e objetivos por membros do mesmo grupo. Para aqueles autores, os indivíduos de um mesmo

grupo também compartilham atividades que envolvem tais valores como celebrações culturais ou religiosas, reuniões públicas e outros eventos. Acreditam que a etnicidade deva ser considerada em graus que variam de indivíduo para indivíduo e de situação para situação (HOFFMAN & WALKER, 2010).

Outros aspectos da pesquisa em etnicidade e identidade a serem considerados são a menor homogeneidade linguística de grupos baseados em raça como categorizado por Labov (1972) e as situações de contato entre etnias nas quais grupos raciais podem convergir (WOLFRAM, 1974) ou podem adotar as características linguísticas do outro grupo (CUTLER, 1997 *apud* HOFFMAN & WALKER, 2010). Em grupos sem uma fronteira linguística ou racial bem definida, a religião frequentemente torna-se um critério a defini-la (LABOV, 1966). Nas comunidades em que língua, raça ou religião não podem ser acessadas, os estudos tendem a usar os critérios de linha de descendência ou herança familiar. Então, a etnicidade passa a ser uma característica transmitida pelos pais (LABOV, 2001 *apud* HOFFMAN & WALKER, 2010).

As relações entre diferentes grupos sociais são permeadas por outro componente linguístico que, além das características físicas, é a manifestação mais imediata da identidade dos falantes: o sotaque. Nos Estados Unidos da América, o sotaque estrangeiro foi apontado como sendo a característica mais comumente associada à discriminação (LIPPI-GREEN, 1997 *apud* HOFFMAN & WALKER, 2010).

O mesmo fenômeno foi identificado em estatísticas realizadas no Canadá em 2003 e apontado por Hoffman e Walker (2010). Os traços suprasegmentais da prosódia, como entoação, duração e ritmo da fala são usados, metaforicamente, para caracterizar aqueles indivíduos considerados diferentes, p. ex., “aquele da fala cantada” ou “aquele da fala arrastada”.

Em suma, as identidades são plurais e multiforiais. Podem sofrer a interferência tanto de fatores endógenos, do próprio indivíduo, como por fatores exógenos e dependentes do meio externo. Por sua característica mutável, sempre deve-se levar em consideração que avaliações de identidade e seus graus, como do estudo a seguir, representam somente um momento na vida daquele indivíduo.

AValiação DA IDENTIDADE EM ESTUDO SOCIOFONÉTICO

Os dados parciais do estudo realizado por Freire (2020) serão apresentados para fornecer uma base prática de avaliação de identidade e propor um índice para graduação da identidade étnica. Trata-se de estudo sociofonético (HAY & DRAGER 2007), pois fornece uma análise de parâmetros acústicos em relação à avaliação da identidade referida pelos participantes. A comunidade alvo foi o município de Holambra, estado de São Paulo,

onde imigrantes holandeses foram assentados em 1948 e lá vivem até os dias de hoje. A investigação acústica foi baseada em dados da frequência fundamental (f0), enquanto os dados sociolinguísticos foram obtidos através de um questionário com perguntas que objetivam assinalar o uso funcional do português brasileiro (PB) e do neerlandês (NL), as crenças em relação às duas línguas, a identidade referida dos falantes, a aquisição e a fluência nas duas línguas, a percepção da própria fala e de outros de mesmo convívio, as relações linguísticas entre as gerações de falantes e as perspectivas de futuro do NL na comunidade. Para compreender os fatores que possam estar envolvidos na etnicidade dos falantes, é preciso conhecer a comunidade na qual estão inseridos. Então, um breve histórico da imigração holandesa em Holambra será apresentado.

A COMUNIDADE DE FALA E A SITUAÇÃO LINGUÍSTICA

O principal motivo para a imigração holandesa foi a falta de perspectivas dos holandeses em sua terra natal, após a Segunda Guerra (TOSTES, 2004). A escolha do Brasil foi a predominância da religião católica no país, pois os grupos de imigrantes foram organizados por instituições católicas holandesas (WIJNEN, 2012). Em 1948, foram assentados na fazenda Ribeirão, perto da cidade de Campinas, onde fundaram a cooperativa agropecuária de Holambra. No início geograficamente isolados, os imigrantes procuraram manter seus costumes e crenças (CHAVES, 2010). Todavia, as famílias eram oriundas de diversas províncias holandesas, falavam dialetos distintos e muito diferentes entre si. Para que pudessem se comunicar, foi necessário que o grupo de imigrantes adultos aprendessem o NL oficial (SOUZA Jr., 1998). As crianças que frequentaram a escola na Holanda, já chegaram ao Brasil falando o NL e eram as que mais bem se comunicavam. Dessa forma, os imigrantes holandeses passaram a falar NL e iniciaram contato com o PB na escola brasileira e pelo convívio com alguns colonos descendentes principalmente de italianos e portugueses. Entretanto, por vários anos, o contato entre os alunos holandeses e os alunos brasileiros era limitado com o objetivo de manter uma formação holandesa padrão para a juventude de imigrantes (WIJNEM, 2015).

A cooperativa se desenvolveu enormemente com produtos agropecuários até a floricultura ganhar o mercado exterior na década de 1980, o que tornou impossível manter a mão de obra em torno da economia familiar com poucos empregados. Houve, então, a contratação de mão de obra não holandesa principalmente de migrantes brasileiros dos estados do nordeste, Minas Gerais e Paraná.

A partir desse fato, ocorre a formação de dois grupos distintos: os “holandeses” e os “brasileiros”. Os “brasileiros” são indivíduos nascidos no Brasil e não descendentes de holandeses que assim se autodenominam e se referem a si próprios como “nós”. Os

“holandeses”, por sua vez, são os indivíduos nascidos na Holanda e seus descendentes nascidos no Brasil a que os “brasileiros” chamam de “eles”. O mesmo ocorre com o grupo de “holandeses” que se autodenominam “nós” e referem-se aos “brasileiros” como “eles” (SOUZA Jr., 1998).

A migração brasileira expressiva, associada à decretação de Holambra como município em 1991, resultou na perda do poder político dos holandeses e de seus descendentes. Atualmente, apenas 10% da população holambresa é de imigrantes pioneiros e seus descendentes, sendo a maioria uma massa de trabalhadores de baixa renda e escolaridade (SOUZA Jr., 1998).

Embora hoje em franca minoria, os “holandeses” são facilmente reconhecidos tanto pelo fenótipo como pelo comportamento social, status econômico (atual e/ou histórico), cultural, religioso e linguístico. Uma fronteira étnica (FOUGHT, 2006) é perceptível dentro do município. A separação entre “nós” e “eles” está visivelmente mantida.

Toda essa mudança sociopolítica da comunidade alterou também a situação linguística local. No período de 1948 a 1998, o NL era falado em eventos sociais e era usado em jornais e boletins da colônia. No início, eram totalmente escritos em NL. Na década de 1970, passaram a ser bilíngues (NL e PB), pois a segunda geração não foi alfabetizada em NL. São capazes, porém, de se comunicar em NL falado. A terceira geração perdeu totalmente a habilidade de comunicação em NL.

No período de 1999 a 2012, é possível notar a clara diminuição da circulação de NL na comunidade. A maioria das atividades sociais passaram a ser realizadas com o uso predominante do PB. Os jornais locais não são mais escritos em NL. O curso de NL oferecido por escolas de idiomas foi extinto por falta de procura. O único grupo que mantém o uso do NL é o de idosos, a maioria com idade acima de 75 anos.

Assim, é fácil perceber que houve a formação de dois grupos de identidades distintas dentro da comunidade de Holambra. Obviamente, há também distinção linguística entre eles. No esforço de entender a relação entre a identidade étnica e o NL falado pelos imigrantes pioneiros hoje, o estudo de Freire (2020) investigou se os imigrantes que se consideram mais holandeses são aqueles cujas falas mais se aproximam da fala do NL falado na Holanda.

METODOLOGIA

O trabalho de campo foi iniciado em 2016 com uma visita à comunidade alvo para conviver com os habitantes em seus locais de trabalho, lazer e outros de convívio social. Foram visitadas as propriedades rurais de plantação de flores, bares, restaurantes, cafés, supermercado, lojas e locais turísticos que tentam retratar as edificações holandesas.

Em um segundo momento, durante a coleta de dados, em 2018, houve o contato com os voluntários em suas residências, e com a estrutura dos condomínios onde residem.

O *corpus* foi composto pela gravação dos voluntários que leram um texto pré-estabelecido e extraído do livro *Dikkie Dik*, dos autores holandeses Jet Boeke e Arthur van Norden, composto de 14 frases que incluem afirmativas, exclamativas e uma interrogativa. Foram incluídos indivíduos falantes do NL e PB que tenham lido, compreendido e assinado o termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) aprovado pelo comitê de ética em pesquisa (CEP) sob CAAE número 80645117.0.0000.8142. Foram excluídos os indivíduos analfabetos e aqueles com qualquer nível de alteração auditiva e/ou cognitiva e/ou fonoarticulatória autorreferidas ou percebidas pela pesquisadora no momento da abordagem.

Os sujeitos eram indivíduos imigrantes holandeses, moradores da Holambra e falantes do NL como língua materna (L1) ou segunda língua adquirida (L2), aqueles cuja L1 eram dialetos regionais. Dois grupos controles, pareados em sexo e idade, foram compostos por brasileiros moradores das cidades vizinhas monolíngues para PB e holandeses moradores da Holanda que nunca tiveram contato com PB ou com o Brasil.

Após coleta de dados pessoais, um questionário de identidade foi aplicado ao grupo de imigrantes. O questionário foi adaptado dos estudos de identidade étnica em sociologia e psicologia social de Hoffman e Walker (2010) e é composto por oito dimensões: (i) identificação étnica; (ii) linguagem; (iii) escolha da língua; (iv) herança cultural e orientação étnica; (v) língua praticada por pais e (vi) parceiros; (vii) atitudes em relação à importância da cultura étnica; (viii) experiência e percepção de discriminação. Um índice foi criado a partir de cada resposta do questionário que pudesse estar associado à identidade holandesa, para avaliar seu grau. Para o cálculo do índice, foram incluídas 14 questões, de um total de 45 do questionário original, que se relacionavam com identidade. A cada resposta foi atribuído um valor que variou de zero a dois, sendo zero toda resposta que se afastasse da identidade holandesa ou a resposta que não se aplicasse ao participante. Um ponto foi atribuído às respostas 'indiferente' ou 'ambos'. A pontuação dois foi dada às respostas que mais se aproximassem da identidade holandesa. Dessa maneira, o valor total do índice poderia variar de zero (o participante se identifica mais como um brasileiro) até 28 (o participante se identifica mais como holandês).

As análises acústicas consistiram da edição das gravações no programa PRAAT, Version 6.1.07 (BOERSMA & WEENINK, 2019). O conteúdo foi transcrito e as frases segmentadas e etiquetadas. Após segmentação, o material foi submetido à extração automática de seis descritores estatísticos de parâmetros de f0 e um não melódico (ênfase) por meio do *script ProsodyDescriptorPerUtteranceandTones* (BARBOSA, 2019).

Os padrões entoacionais e os tons foram avaliados através da notação no sistema DaTo de notação entoacional proposto por Lucente (2008). Este sistema permite analisar a entoação através dos contornos dinâmicos de f_0 que carregam a informação melódica. No sistema DaTo, os contornos dinâmicos se dividem entre ascendentes, descendentes e níveis de fronteira, e são representados por rótulos que ilustram o movimento da curva de f_0 pelas letras H (*high*) e L (*low*), tom alto e tom grave respectivamente. Essa notação leva em conta o padrão de movimento (o tom sobe, desce ou se mantém) e alinhamento com as sílabas tônicas a partir da inspeção visual da curva entoacional precedida da percepção (oitiva) de proeminência (acento de *pitch*). Esses movimentos são rotulados sempre garantindo o ponto de oposição entre H e L na sílaba tônica. Foram calculadas as frequências e as proporções relativas de cada tom extraído de acordo com os rótulos descritos para o sistema DaTo considerando o total de tons para o grupo de participantes segundo sexo. Os resultados do índice de identidade foram relacionados às frequências e proporções relativas de cada tom rotulado no sistema DaTo.

As análises estatísticas foram realizadas na plataforma R versão 3.4.0 (2017). Para todos os modelos, o nível de significância adotado foi de 5%. Para a frequência relativa de tons, o teste de proporções para alfa igual a 0,05 foi aplicado aos três grupos (imigrantes, brasileiros e holandeses não imigrantes) e a correção de Bonferroni nas comparações dois a dois. Para a comparação entre dois grupos, considerou-se o nível alfa igual a 0,008.

RESULTADOS DO TRABALHO DE CAMPO

A observação da comunidade durante o trabalho de campo em 2016 e 2018 permitiu revelar que ainda está presente a identificação de dois grupos étnicos, “holandeses” e “brasileiros”, “nós” e “eles”.

A maioria dos imigrantes mora em um condomínio que os mantém parcialmente isolados da comunidade como um todo. Ao observá-los neste ambiente, é possível notar que seu comportamento social muito se assemelha ao de idosos brasileiros e se distancia do dos idosos holandeses que vivem na Holanda.

Por outro lado, os “brasileiros” em Holambra também se habituaram a conviver com alguns aspectos da cultura, do comportamento e da língua holandesa. Entretanto, quando grupos de holandeses conversam entre si em NL num mesmo ambiente no qual há brasileiros, é possível notar que isso gera certo desconforto. Os brasileiros, aparentemente em desvantagem, falam somente PB e os “holandeses” podem compreendê-los. Talvez haja, por parte dos brasileiros, um sentimento de inferioridade envolvido que possa justificar a declaração da neta de uma das participantes, durante a coleta de dados. Segundo ela, o fato de ser “holandês” naquela comunidade é muito positivamente valorizado.

Existe, portanto, uma separação não declarada entre “holandeses” e “brasileiros”, por vezes inconsciente, mas que pode ser percebida quando se observa a comunidade com atenção.

A presença de holandeses e seus descendentes de primeira geração na cidade é facilmente percebida devido ao fenótipo e comportamento social. São indivíduos altos, magros, de olhos claros, pele clara castigada pela insolação brasileira, falam com sotaque, vestem-se com padrões e preferências diferentes dos brasileiros. As mulheres usam chapéus, camisas e calças de tecido de algodão em cores neutras. É possível notar inclusive que as armações dos óculos, daqueles que os usam, são em padrões tipicamente holandeses, pequenos em forma de elipse. Suas casas são decoradas nos padrões holandeses com grandes janelas de vidro, e jardins com muitas flores.

Em todos os ambientes visitados na cidade o PB predomina. Muitos estabelecimentos são de propriedade de holandeses e descendentes, mas os funcionários são “brasileiros”. É possível que esse fato corrobore para a suposta superioridade dos holandeses na cidade. Eles são os proprietários e os brasileiros os funcionários. O mesmo ocorre nos campos de plantações de flores nos quais os funcionários são brasileiros na grande maioria.

Além da produção de flores, o município tornou-se um local turístico. Desse modo, há um esforço para tornar a cidade mais holandesa. O nome de várias ruas e estabelecimentos comerciais são em NL. Um dos restaurantes dispõe de menu turístico com alguns pratos holandeses típicos adaptados ao paladar brasileiro. Nesse menu é possível encontrar os pratos descritos em NL e os garçons estão aptos a traduzi-los e explicar como são produzidos.

A construção de um moinho nos moldes holandeses é um verdadeiro orgulho para os imigrantes locais. O administrador e guia do moinho é um senhor holandês da primeira geração e que fala com muito sotaque. Ele salienta que esse moinho é o mais alto de todos os moinhos construídos nas colônias holandesas no Brasil. Além do moinho, ele também está envolvido na criação e administração do museu que conta a história da imigração holandesa desde seus primórdios. Esse museu conta com fotos, documentos, filme em exibição contínua, objetos pessoais, maquinário agrícola e uma casa que exemplifica as primeiras moradias dos imigrantes. O museu encontra-se montado nos moldes dos museus a céu aberto comuns na Holanda.

O maior contato pessoal durante a primeira visita à Holambra foi com uma filha de imigrantes holandeses, nascida no Brasil e que trabalhava como guia turístico na cidade. Sua agência de turismo tem um nome em NL. Através desse contato, foi possível perceber que há ainda muito preconceito em relação aos brasileiros não descendentes de holandeses. Em vários momentos, a guia frisou o comportamento dos trabalhadores

holandeses em detrimento dos trabalhadores brasileiros.

A importância do aspecto religioso da população holandesa e de seus descendentes também pôde ser percebido com clareza. O grupo ali assentado era católico e isso se mantém ainda muito forte entre os antigos colonos. As missas e reuniões na igreja local são frequentadas por grande parte das famílias semanalmente. Nessas reuniões o NL é falado somente se não houver brasileiros não falantes do NL presentes à conversa.

Assim, a observação mostrou que apesar dos esforços dos holandeses para manter suas tradições e costumes, mesmo que por razões não mais culturais, mas econômicas, a minoria holandesa está gradualmente desaparecendo e com ela a língua neerlandesa.

Por fim, cabe salientar que essas impressões registradas aqui não seguiram nenhuma metodologia estruturada. Desse modo, seria necessária uma avaliação mais profunda e com embasamento etnográfico formal para confirmá-las. Foram baseadas na experiência da investigadora brasileira que morou na Holanda.

RESULTADOS PARÂMETROS ACÚSTICOS

Foram incluídos e entrevistados sete imigrantes, dois homens e cinco mulheres, média de idade de 81 (74-90) anos. A análise dos sete parâmetros de f_0 estudados revelou que as mulheres imigrantes se aproximaram dos padrões de fala das brasileiras em três dos parâmetros, ficaram em situação intermediária entre brasileiras e holandesas em dois, aproximaram-se das holandesas em um e diferiram dos dois grupos controle em um. Os homens imigrantes aproximaram-se da fala dos homens brasileiros em dois, ficaram em situação intermediária em dois e aproximaram-se dos holandeses em dois.

Os resultados mais relevantes da análise pelo DaTo mostraram que o comportamento das mulheres imigrantes difere dos homens imigrantes em todos os tons analisados e significativos. A frequência do contorno *Late rising* (>LH) - a curva de f_0 é ascendente e o pico se alinha atrasado em relação à vogal tônica - era igual ao das brasileiras e o tom L difere dos dois grupos controle. Exceto para o tom H, os homens não se distinguem dos brasileiros e também não se distinguem dos holandeses.

A relação entre o índice de identidade e os parâmetros de f_0 e a relação entre o índice de identidade e a proporção de tons não revelaram correlação linear. Foram correlacionados os índices individuais e a média dos valores de cada parâmetro individual de f_0 . O mesmo procedimento foi realizado para correlacionar os valores dos índices de identidade e a proporção de cada tom de cada falante. O maior índice encontrado foi 21 (aquele que se identifica mais com holandês) e o menor foi 12 (aquele que se identifica mais como brasileiro). Além desses, três obtiveram 17, um obteve 19 e um 14.

Apesar da ausência da correlação linear, os resultados mostraram que houve

tendência de correlação entre o parâmetro ênfase espectral e identidade: quanto mais “holandês”, menor a ênfase. Em relação à correlação com os tons, foi encontrado comportamento semelhante à ênfase espectral, uma vez que o contorno LH (da notação DaTo) também mostrou tendência à diferença das proporções tendendo a zero. À medida que o índice aumenta (mais “holandês”), mais se aproxima da proporção desse contorno dos holandeses (menor a proporção de LH). O significado destes resultados será discutido mais à frente.

DISCUSSÃO

Os resultados obtidos apontam para a confirmação parcial da hipótese levantada: os imigrantes que se identificavam mais como holandeses seriam aqueles que falavam NL com entoação mais parecida com a dos holandeses. A seguir, serão discutidos aspectos da metodologia empregada e os fatores que influenciaram esses resultados.

O sistema de notação escolhido foi o DaTo, pois essa metodologia aproxima-se mais da realidade perceptiva das produções acústicas da fala. Está menos sujeita a erros de avaliação, por não se tratar de uma notação automática e basear-se na forma exata da curva de f_0 , a partir de um procedimento padrão (Lucente, 2008). A notação DaTo forneceu os rótulos, a partir dos quais a frequência e as proporções de cada tom ou contornos puderam ser calculadas. Apesar da pequena amostra deste estudo, os dados são significativos e há homogeneidade entre os participantes de cada grupo.

As análises de proporção de tons assinalaram dois pontos relevantes a serem discutidos, a ocorrência de >LH no grupo de mulheres imigrantes e o comportamento linguístico distinto encontrado entre os sexos.

A proporção do contorno >LH para mulheres imigrantes foi a maior dentre os três grupos, acima da proporção das brasileiras, sem diferença significativa em relação às brasileiras, porém diferente das holandesas. O que chama muito a atenção é o fato de que esse contorno é muito característico do PB e predomina na posição inicial de enunciados declarativos como marcador de proeminências (LUCENTE, 2012). No NL, a frequência desse contorno nunca havia sido estudada. Na amostra deste estudo, a frequência é muito baixa no grupo de holandeses. É possível dizer que a entoação do NL (L2) em Holambra possa estar sofrendo a influência do PB (L3). Ou seja, a fala das imigrantes está, inconscientemente, se assemelhando à fala das brasileiras. Por outro lado, é possível especular que possa estar ocorrendo uma hipercorreção. Outra possibilidade que não pode deixar de ser mencionada é o paradoxo do observador. A entrevista foi realizada por uma pesquisadora brasileira. Não há como descartar que para se adequar a interlocução com uma brasileira, as entrevistadas tenham adequado a entoação àquilo que identificaram

como mais brasileiro. Na realidade, o uso elevado de >LH pelas mulheres imigrantes pode estar associado a vários fatores que não podem ser considerados separadamente. Não há como explicar fenômenos linguísticos por uma simples visão fonética (física) ou biológica ou social isoladamente. Há que se analisar como um fenômeno de origem multifatorial.

Entretanto, a divisão dos grupos por sexo resultou em nítida diferença de comportamento entre os dois. Existem ao menos duas principais linhas para explicar a diferença encontrada. A de Labov (2001), que considera principalmente fatores sociais, e a de Chambers (1995), que considera os fatores biológicos como os mais relevantes.

Diferenças no comportamento linguístico entre os sexos são alvo de discussão há muitos anos. O fenômeno chamado de paradoxo do gênero foi sintetizado por Labov (2001) e consiste no fato de que as mulheres são mais propensas a usar formas de prestígio e evitam variantes estigmatizadas mais do que os homens para a maioria das variáveis linguísticas, mas que também são mais propensas a liderar a mudança usando as formas inovadoras. As diferenças entre os sexos já haviam sido observadas por Labov nos trabalhos pioneiros em 1963 e 1966, bem como dezenas de outros investigadores.

Chambers (1995) propõe que as mulheres lideram as mudanças devido a alguma vantagem verbal biológica inerente e por esse motivo seriam capazes de comandar uma gama maior de variantes e estilos. Para apoiar essa ideia, Chambers acrescenta que as mulheres apresentam menor prevalência de distúrbios ligados à linguagem como afasia, deficiência de leitura e gagueira. Conclui que as funções linguísticas cerebrais femininas são mais difusamente representadas, o que fornece a base para a vantagem no bem-estar linguístico e nas habilidades verbais (CHAMBERS, 1995).

As observações de Chambers, embora pertinentes e levando-se em conta o fator hormonal que diferencia as manifestações clínicas apontadas por ele, não conseguem explicar a totalidade de diferenças linguísticas entre sexos. Por outro lado, estudos recentes com novas tecnologias de investigação na neurociência começam a revelar como se processa a linguagem no cérebro humano (GASSER, 1990; HUTH, 2016; DENIZ, 2019). O estudo de Huth mostrou, através da ressonância magnética funcional, como a rede de conexões é ativada e como ocorre a interação entre as diversas unidades cerebrais em várias localizações, evidenciando o compartilhamento das informações. Nesse estudo, as palavras ouvidas pelos voluntários foram categorizadas de acordo com o significado e através do mapeamento cerebral construíram um atlas interativo que possibilita a visualização e o grau de envolvimento de cada área no processamento de cada categoria de palavra ouvida. Esse mapeamento pode ser acessado em <http://gallantlab.org/huth2016/>. A categorização das palavras foi realizada pelos autores. Entretanto, é preciso considerar que as palavras podem assumir diferentes significados e desencadear diferentes respostas

no cérebro de cada indivíduo. A representação psicológica de determinada palavra para determinado indivíduo pode ser socialmente moldada, o que não foi considerado neste estudo.

Além das diferenças entre os sexos, outros aspectos sociais foram obtidos pela coleta de dados que não seguiu os moldes tradicionais de uma entrevista sociolinguística. Mesmo não seguindo o padrão, foi possível obter evidências válidas principalmente porque as abordagens foram realizadas pela mesma entrevistadora para todos os participantes. Assim, existe certa consistência na abordagem aos entrevistados e isso não é uma mera questão de “público” uma vez que a contribuição de ambos é importante. O interesse do entrevistador na relação com o entrevistado pode ter um relevante efeito na qualidade da gravação e no uso do discurso do entrevistado (MACAULAY, 2013). De qualquer forma, o papel do entrevistador é carregado de vieses em favor de ser um ouvinte receptivo mais do que ser um parceiro em iguais condições na conversa entre “estranhos íntimos” (GREGERSEN, 1991 *apud* MACAULAY, 2013).

Ponderadas as observações sobre a relação entrevistado/entrevistador, há evidências físicas de que os falantes do NL em Holambra estejam usando novas formas na entoação que provavelmente são também decorrentes do contato linguístico com PB.

A relação linguística do grupo de imigrantes na comunidade é semelhante a uma das formas descrita por Appel (2005a) para o bilinguismo social. Existem dois grupos em que um é bilíngue e o outro monolíngue. O grupo bilíngue é o minoritário, em número, e o outro dominante. Esse tipo de relação, associado ao fato de tratar-se de duas línguas não relacionadas (NL e PB) sendo faladas na mesma área por pessoas que vivem no mesmo local, pode iniciar o desenvolvimento de normas linguísticas comuns, inclusive um sistema tonal (APPEL, 2005a). Embora a relação entre imigrantes em Holambra e brasileiros, como já detalhada, revele que os imigrantes estão em minoria numérica, não podem ser considerados um grupo “dominado”. Pelo contrário, são aqueles de maior poder aquisitivo, proprietários de estabelecimentos em que brasileiros são os empregados. Mas a alta frequência do contorno >LH pelas imigrantes indica que essa relação entre as duas línguas na comunidade não esteja ocorrendo devido a uma relação de dominância. Outros dados sociais precisam ser levados em consideração para a compreensão das manifestações tonais encontradas.

O perfil das mulheres e homens entrevistados neste estudo mostrou-se bastante homogêneo. Suas histórias de vida, salvo raras exceções, também são muito semelhantes. Vieram para o Brasil na primeira infância ou no início da adolescência, acompanhados dos pais, cursaram a mesma escola em Holambra, trabalharam e sempre viveram na mesma comunidade. Compartilham atividades de trabalho e sociais, nível de escolaridade,

costumes, hábitos e crenças religiosas. Atualmente, são um grupo minoritário e mantêm relações tanto de amizade como familiares com os brasileiros. Muitos descendentes estão agora casados com brasileiros. A terceira geração (netos) é toda brasileira e perdeu o NL.

Foi de especial interesse conhecer melhor a identidade étnica desses imigrantes que desde 1948 vivem em Holambra. O papel do local na construção da identidade é altamente relevante (JOHNSTONE, 2004 *apud* FOUCHT, 2013). O uso de recursos linguísticos particulares nessa construção não é um processo estático e envolve os falantes da comunidade que compartilham ideologias sobre a língua e a etnicidade. Como o imigrante de Holambra se move por diferentes ambientes de fala dentro da própria casa e da comunidade, é preciso variar também o modo de realizar e destacar diferentes identidades. Para isso é necessário um repertório linguístico flexível. Então, é preciso estar apto a realizar diferentes identidades polifônicas para diferentes lugares e momentos (FOUCHT, 2013). Essa troca de identidades polifônicas é comum para aqueles cujos filhos casaram-se com brasileiros. Em reuniões familiares ou atividades dentro do condomínio, é preciso fazer esse câmbio frequentemente. É preciso lembrar que não é o simples trocar de língua, mas de comportamento. Essa mudança é subjetiva e não pode ser mensurada.

Além da mudança de comportamento, outra manifestação detectada durante o trabalho de campo foi o fenômeno *code-switching*, que não foi objeto deste estudo, mas pode representar um sinalizador efetivo da complexidade que envolve a identidade étnica de minorias. Esse fenômeno será aqui definido como a alternância entre duas línguas durante uma única conversação. Muito além do que representar uma falta de fluência do falante em uma das línguas, através do *code-switching*, o indivíduo pode capitalizar ambos valores linguísticos, aqueles associados com a língua de herança e a uma variedade com implicações regionais, sociais e nacionais mais amplas (APPEL, 2005b).

Apesar desse achado pontual durante a entrevista, a aplicação do questionário de identidade mostrou perfil bastante homogêneo. A partir da avaliação de seus domínios, ficou evidente que esses imigrantes, assim como seus pais e cônjuges, se consideram holandeses. A língua predominante em suas atividades diárias e a língua de escolha é o NL. Mantêm a herança cultural de seu país de origem e nunca se sentiram discriminados pelo fato de serem holandeses. Pelo contrário, em Holambra gozam de prestígio entre a população local.

Durante o questionamento, muitos imigrantes fizeram comentários espontâneos que revelaram dados interessantes, por vezes aparentemente contraditórios. Todos são gratos ao Brasil pelo acolhimento que receberam e não pretendem deixar o país. Ao mesmo tempo, fazem questão de se declararem holandeses e sentem muito orgulho de falar NL e de tentar manter os costumes e tradições holandesas na comunidade. Entretanto, quando

questionados sobre a importância de seus descendentes aprenderem NL, a resposta é negativa. O senso prático dos holandeses considera que aprender inglês é muito mais útil para o futuro profissional dos jovens.

A correlação entre a identidade étnica e os parâmetros estatísticos de f_0 e entre a identidade e a frequência de tons resultou nula, exceto pela tendência observada para o parâmetro ênfase espectral – quanto maior o índice de identidade, menos ênfase. A ausência da correlação e as tendências encontradas precisam ser analisadas com bastante cautela. Por um lado, a ausência de correlação pode ser atribuída a fatores metodológicos como o tamanho amostral muito reduzido e a não adequação do cálculo do índice de identidade formulado a partir do questionário de identidade étnica. Por outro lado, a ênfase parece ser importante em línguas como o NL para a percepção do *accent* e neste estudo o imigrante que se identifica como mais holandês é aquele com menor ênfase (SLUIJTER, 1997; ARANTES, 2012). Distanciando, portanto, da identidade holandesa referida neste parâmetro. É importante ressaltar que a relação da identidade étnica com recursos linguísticos não ocorre de maneira direta, mas é possível que possa ser intermediada, p. ex., pela postura do indivíduo. Levando-se esta observação em consideração, é possível que correlações inversas possam realmente ocorrer.

Em conclusão, a postura, juntamente com os demais fatores internos e externos ao indivíduo discutidos neste capítulo, atua na composição e modelagem da identidade. Entretanto, a metodologia ideal para acessar todos esses elementos que constituem uma identidade ainda está por ser descrita. Estudos que, além de englobar uma avaliação objetiva e subjetiva ampla da identidade, respeitem a natureza mutável, flexível e adaptável da sua essência.

REFERÊNCIAS

APPEL, R.; MUYSKEN, P. Language contact and language change. **Language contact and bilingualism**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2005a. p. 154-160.

APPEL, R.; MUYSKEN, P. Language use in the bilingual community: code switching and code mixing. **Language contact and bilingualism**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2005b. p. 153-163.

ARANTES, P.; LIMA, M.L.C.; BARBOSA, P.A. Some prosodic correlates of referential status in Brazilian Portuguese. **Revista Diadorim / Revista de Estudos Linguísticos e Literários do Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro**. v. 12, p. 1-25, 2012.

BARBOSA, P. A. **Prosódia**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019. 136 p.

BARRETT, M. Indexing polyphonous identity in the speech of African American drag queens. In: M. Bucholtz, A.C. Liang and L.A. Sutton (eds). **Reinventing identities: The Gendered Self in Discourse**. New York: Oxford University Press, 1999. p. 313-31.

BOERSMA, P.; WEENINK, D. **Praat**: doing phonetics by computer. Version 6.1.07. 2019. 26 nov. 2019. (Programa de Computador). Disponível em: <http://www.praat.org/>. Acesso em: 2 dez. 2019.

CHAMBERS, J. K. Expressing sex and gender. In: **Sociolinguistic theory**: linguistic variation and its social significance. 1.ed. Cambridge: Blackwell Publishers Inc, 1995. p. 102-145.

CHAVES, N. B. **Perspectivas da imigração holandesa no Brasil**: quatro séculos de patrimônio. Ponta Grossa: Toda Palavra Editora, 2010. 192 p.

DENIZ, F.; NUNEZ-ELIZALDE, A. O.; HUTH, A. G.; GALLANT, J. L. The representation of semantic information across human cerebral cortex during listening versus reading is invariant to stimulus modality. **Journal of Neuroscience**, Kathmandu, v. 39, n. 39, p. 7722-7736, 2019. doi: 10.1523/JNEUROSCI.0675-19.2019.

FOUGHT, C. Ethnicity. In: CHAMBERS, J. K.; SCHILLING, N. (eds.). **The handbook of language variation and change**. 6. ed. New Jersey: John Wiley & Sons, 2013. p. 388-406.

FOUGHT, C. **Language and ethnicity**: key topics in sociolinguistics. Cambridge: Cambridge University Press, 2006. 264 p.

FREIRE, Beatriz Funayama Alvarenga. **Influência do português brasileiro sobre a prosódia do neerlandês falado por imigrantes holandeses no Brasil**. 2020. 1 recurso online (156 p.) Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1638848>. Acesso em: 21 out. 2022.

GASSER, M. **Connectionism and Universals of Second Language Acquisition**. Studies in Second Language Acquisition, v. 12, p. 179-199, 1990.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 11. ed. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. São Paulo: DP&A, 102 p.

HAY, J.; DRAGER, K. Sociophonetics. **Annual Review of Anthropology**, Palo Alto, v. 36, p. 89-103, 2007.

HOFFMAN, M. F.; WALKER, J. S. A. Ethnolects and the city: ethnic orientation and linguistic variation in Toronto English. **Language Variation and Change**, New York, v. 22, n. 1, p. 37-67, 2010. doi: 10.1017/s0954394509990238.

HUTH, A. G. et al. Natural speech reveals the semantic maps that tile human cerebral cortex. **Nature**, London, v. 532, n. 7600, p. 453-458, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1038/nature17637>. Acesso em: 26 out. 2022.

KIESLING, S. F. Constructing Identity. In: CHAMBERS, J. K.; SCHILLING, N. (eds.). **The handbook of language variation and change**. West Sussex: Wiley-Blackwell, 2013. p. 448-467.

LABOV, W. **The social stratification of English in New York city**. Washington: Center for Applied Linguistics. 1966. 485 p.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972. 362 p.

LABOV, W. **Principles of linguistic change**: social factors. New Jersey: Wiley Blackwell, 2001. 592 p.

LUCENTE, Luciana. **DaTo**: um sistema de notação entoacional do português brasileiro baseado em princípios dinâmicos : ênfase no foco e na fala espontânea. 2008. 62 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1607281>. Acesso em: 26 out. 2022.

LUCENTE, Luciana. **Aspectos dinâmicos da fala e da entoação do português brasileiro**: Dynamic aspects of speech and intonation in Brazilian Portuguese. 2012. 179 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1618750>. Acesso em: 26 out. 2022.

MACAULAY, R. Discourse Variation. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P.; SCHILLING, N. **The handbook of language variation and change**. 2. ed. New Jersey: John Wiley & Sons, 2013. p. 220-236.

SLUIJTER, A. M.; VAN HEUVEN, V. J., & PACILLY, J. J. Spectral balance as a cue in the perception of linguistic stress. **Journal of the Acoustical Society of America**, v. 101, n. 1, p. 503-513, 1997.

SOUZA JUNIOR, Angelo Martins de. **O campo dos sonhos**: pequena contribuição à análise da dinâmica política de uma colônia holandesa ; o caso de Holambra, SP. 1998. 110f Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1585626>. Acesso em: 26 out. 2022.

TOSTES, V. L. B.; BENCHETRIT, S. F.; MAGALHÃES, A. M. (org.). **A presença holandesa no Brasil**: memória e imaginário. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2004. 378 p. (Livros do Museu Histórico Nacional)

WIJNEN, K.; VAN DER KNAAP, A. **Holambra cidade das flores**: Bloemenstad. Holambra: Fundação Holambra, 2012. 425 p.

WOLFRAM, W. **Sociolinguistic aspects of assimilation**: Puerto Rican English in New York City (1974) Washington, DC: Center for Applied Linguistics.



LINGUAGEM E IDENTIDADES

múltiplos olhares



www.atenaeditora.com.br



contato@atenaeditora.com.br



[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)



www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2023



LINGUAGEM E IDENTIDADES

múltiplos olhares

 www.atenaeditora.com.br

 contato@atenaeditora.com.br

 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)

 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

**Atena**
Editora

Ano 2023